

# O entrelaçamento de referentes nas recategorizações em piadas: qual o papel das cadeias referenciais?

## The intertwining of referents in recategorizations in jokes: What is the role of referential chains?

Janaica Gomes Matos<sup>1</sup>

[janaicagomes@gmail.com](mailto:janaicagomes@gmail.com)

Universidade Estadual do Piauí

Mariza Angélica Paiva Brito<sup>2</sup>

[marizabrito02@gmail.com](mailto:marizabrito02@gmail.com)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Mônica Magalhães Cavalcante<sup>3</sup>

[monicamc02@gmail.com](mailto:monicamc02@gmail.com)

Universidade Federal do Ceará

**RESUMO** – O propósito deste trabalho é focar a temática da referencialização a partir da seguinte questão-problema: qual o papel das cadeias referenciais na recategorização do referente, como gatilho do humor em piadas? A questão será discutida criticamente com base em constatações teóricas e empíricas das seguintes pesquisas: Lima (2003), Leite (2007), Cavalcante (2011, 2012), Custódio Filho (2011) e Cavalcante *et al.* (2014). As reflexões incidirão sobre os critérios semântico e sociocognitivo das recategorizações em cadeias referenciais, sejam elas explicitamente realizadas por sintagmas nominais, ou não, no desencadeamento do riso em piadas escritas. Os textos analisados foram retirados de duas publicações em revistas que abordam exclusivamente as piadas. Conclui-se que o entrelaçamento, ou a relação entre os objetos, embora formando cadeias de extensão bastante curta neste gênero, engatilha a produção do sentido da piada.

**Palavras-chave:** cadeias referenciais, recategorização, gênero piada.

**ABSTRACT** – The purpose of this paper is to focus on the issue of referentialization based on the following question: What is the role of referential chains in the recategorization of the referent, as the trigger for the humor in jokes? The issue will be critically discussed based on the theoretical and empirical findings of the following research: Lima (2003), Leite (2007), Cavalcante (2011, 2012), Custódio Filho (2012) and Cavalcante *et al.* (2014). The reflections will focus on the semantic and on the social cognitive criteria of the recategorizations in referential chains, be they explicitly performed by noun phrases, or not, in triggering laughter in written jokes. The analyzed texts were taken from two publications in journals that address exclusively the jokes. It is concluded that the intertwining of objects, or the relation between them, although forming very short chains in this genre, trigger the production of the meaning of the joke.

**Keywords:** referential chains, recategorization, genre joke.

### A construção dos referentes nos moldes sociocognitivos e interacionais

Toda elaboração textual implica uma atividade de (re) construção de sentidos. Sob o ângulo sociointeracionista, essa atividade representa uma “via de mão

dupla”, em que o leitor do texto interage com este e com seu autor, por meio de seus conhecimentos, convicções, crenças, ideologias, pontos de vista etc. Esse tipo de interação se constitui em bases socioculturais e cognitivas, o que equivale a dizer que a (re) construção de referentes é, portanto, dinâmica, maleável, sendo fruto da forma

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Piauí. Av. Senador Helvídio Nunes, Jardim Natal, 64600-000, Picos, PI, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Av. da Abolição, 3, Centro, 62790-000, Redenção, CE, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Ceará. Av. da Universidade, 2853, Bairro Benfica, 60020-181, Fortaleza, CE, Brasil.

como os indivíduos interagem por meio de textos. Com base nesses pressupostos é que se entende a produção de sentidos, a qual é realizada mediante negociações que se fazem nessa interação autor-texto-leitor.

Essa problemática, por sua vez, abrange inúmeros fatos dela decorrentes, como o das formações de *cadeias (elos) referenciais*, também conhecidas como *cadeias anaforicas* do texto. Segundo nos diz Cavalcante (2011), estas são concebidas como o resultado de um entrelaçamento de sentidos, capazes de estabelecerem tanto relações explícitas entre os elementos cotextuais (ou seja, da superfície discursiva), quanto implícitas, na medida em que traduzem elementos que são resgatados pela memória discursiva, mediante processos inferenciais, elementos esses que são capazes de assegurar a mútua compreensão no fio discursivo tecido pelos falantes. Logo, entendemos que as manifestações desses elos significam processos amplos, os quais não se apreendem em sua profundidade apenas com preocupações circunscritas aos espaços formais do texto, haja vista os contextos sociocognitivos passíveis de determinação de um referente.

Concebemos como contexto sociocognitivo o conjunto de saberes ou conhecimentos prévios sobre a linguagem e sobre o mundo de forma geral, os quais se reconstruem na interpretação negociada dos enunciados. Segundo Koch (2002), tais saberes ou conhecimentos significam estruturas estabilizadas, na memória de longo prazo<sup>4</sup>, utilizadas para o reconhecimento e a compreensão de textos e de situações sociocomunicativas. Aqui, estamos assumindo que tais estruturas mentais são apenas parcialmente dadas como estados provisórios de conhecimento sempre reelaborados pela memória operacional<sup>5</sup>, pois resultam das nossas atividades de construção de sentido e interpretação de situações e eventos. Nessa mesma direção, afirma van Dijk (2012) que, mesmo que os contextos sejam definidos subjetivamente com relação às situações comunicativas, sua estrutura e construção têm obviamente uma base social, por exemplo, em termos das *cognições sociais* compartilhadas (conhecimentos, atitudes, ideologias, gramática, regras, normas e valores) de uma comunidade discursiva.

Segundo a ótica dessa vertente, a atividade de referenciação implica uma reelaboração da realidade, a partir da qual se conferem os sentidos dos textos, dependendo das necessidades e interesses de cada situação interativa, e nisso se incluem as características dos interlocutores e as suas intenções. Em razão disso, afirma-se que os sentidos dos textos constituem práticas sociais inter-

subjetivas, as quais também mobilizam todo um vasto conjunto de conhecimentos linguísticos, socioculturais e enciclopédicos, atuantes na negociação de sentidos. Isso quer dizer que toda produção e compreensão de um texto é, necessariamente, uma atividade cognitiva apta a construir coerência, de modo a adaptar-se aos contextos nos quais a comunicação se insere. Assim, a (re)ativação dos conhecimentos compartilhados entre os interactantes torna-se fundamental para o processo interativo, uma vez que “a superfície textual, ou *cotexto*, é inerentemente ‘incompleta’” (cf. Cavalcante *et al.*, 2014, p. 21-22), havendo a necessidade de o interlocutor preencher, através de sua compreensão linguística, textual, interativa e enciclopédica, os vazios ou as lacunas de sentidos a serem normalmente recuperadas no processamento do texto. Em razão disso, veremos, pois, no presente artigo, que o gênero piada oferece uma gama de implicitudes a serem negociadas entre os interlocutores, de tal forma que as cadeias referenciais podem atuar, neste gênero, com a função de compor o cenário contextual que constrói o processamento das recategorizações dos referentes, inclusive, sem que haja expressões referenciais que explicitem esse processo. Portanto, a análise a ser apresentada neste artigo pertence à linha teórica sociocognitivo-discursiva.

Assim, a noção de referenciação, enquanto (re)elaboração dos referentes, à qual nos alinhamos, coaduna-se também com a de autores como Mondada (na verdade, o termo *referenciação* foi cunhado por Mondada, em 1994, em sua tese) e Dubois, Koch, Cavalcante, Marcuschi e demais especialistas que empreendem pesquisas na linha sociocognitivista e interacionista da Linguística Textual, pelo fato de observarem como se dão as reconstruções do referente mediante uma confluência de aspectos, que mesclam os componentes mentais às ações colaborativas, que ocorrem por meio das práticas sociais simbólicas e intersubjetivas. Portanto, de acordo com a perspectiva sociointeracionista atual, deve-se observar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas têm de fato o poder de estruturar e dar um sentido ao mundo (cf. Mondada e Dubois (2003, p. 20).

Dessa forma, tal constatação sobre a construção da referência radica na base epistemológica atual de que os referentes, enquanto entidades construídas mentalmente, na verdade, são processualmente mutáveis e, portanto, dinâmicos, flexíveis, (re)criados, ou ainda, “fabricados” através de nossos “óculos sociais”, na metáfora de Blikstein (2003). Inserindo-se nesses moldes, os referentes de um texto não se projetam como pré-dados de forma

<sup>4</sup> Conforme a explicação de Koch (2002), a *memória de longo termo* (MLT) é responsável pelos conhecimentos que ficam permanentes na lembrança dos indivíduos, diferentemente da *memória de curto termo* (MCT), cuja capacidade de retenção é bastante limitada, ou seja, as informações são guardadas na mente apenas por um curto lapso de tempo.

<sup>5</sup> A *memória operacional*, ou *memória de trabalho* (*working memory*), segundo Koch (2002), representa uma espécie de memória intermediária entre a MCT e a MLT, na medida em que opera paralelamente aos processos conscientes, porém limitados da MCT quanto à capacidade. Este tipo de memória trata da informação no momento em que vai chegando ao indivíduo (*incoming*).

acabada, imutável e universal, mas existem enquanto produção sociocultural. Segundo Koch e Marcuschi (1998), quando falamos de elaboração de referentes, é uma perfeita ilusão equipará-los ao seu entendimento como “*objetos de mundo*”, ou como seres, entidades ou coisas como reflexo de um mundo real, ou ainda, como uma operação de mapeamento de uma realidade objetiva. Devemos, pois, concebê-los como “*objetos de discurso*” provenientes de práticas sociais. Também consoante Koch e Cunha-Lima (2005), os sentidos não são imanentes ao texto; são estabelecidos e situados histórica e socialmente, pois os referentes existem somente em nível de discurso e se diferenciam dos objetos de mundo tomados como “espelhos” de uma realidade objetiva. Por conseguinte, não se trata de trazer, de forma perfeita e absoluta, os objetos do mundo para dentro do texto, mas sim de entender de que maneira os construímos e os (re)categorizamos em nossas negociações.

### **A recategorização como fenômeno cognitivo-discursivo**

Integrada ao fenômeno das cadeias, encontra-se a recategorização, um fenômeno construído nas relações referenciais, já estudado por diversos autores, dentre os quais Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Koch (2002, 2004), Cavalcante (2003, 2011), Tavares (2003), Lima (2003), Matos (2005), Brito (2010), dentre outros.

Uma vez introduzidos no texto, os referentes passam por transformações ou remodulações, o que faz com que seu leitor os ressignifique como objetos discursivos que sofreram evolução ao longo da cadeia, no desenvolvimento enunciativo - um movimento indispensável para fazer o texto progredir. Diante disso, esclarecemos que a noção seminal de *evolução* do referente é fornecida pelos autores Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), os quais afirmam que a recategorização acontece quando se evidencia a evolução da categorização ou da bagagem de conhecimentos acerca de determinados referentes, concebidos não de forma ontológica, metafísica ou filosófica e, sim, de acordo com o produto cultural do homem. Isso se materializa no texto, quando a operação de designar referentes ocasiona, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), o abandono de uma denominação padrão, correspondente ao “nível de base” da categorização dos objetos, em prol da adaptação de sua expressão substitutiva a possíveis objetivos persuasivos do indivíduo que a produz. Essa mesma noção é empregada por Koch e Marcuschi (1998), quando distinguem entre “objetos mundanos” e “objetos de discurso”, uma vez que ambos ressaltam que, no âmbito dos objetos discursivos, no contexto do discurso, todos os referentes são evolutivos, já que sempre haverá uma mudança, ou seja, os referentes modificam-se à medida que o discurso se desenrola.

Com o desenvolvimento das pesquisas em torno dessa noção, postula-se, com autores como Cavalcante (2011, 2012), Cavalcante *et al.* (2014), Custódio Filho (2011), Leite (2007) e Lima (2003, 2009), que tal fenômeno funda-se em diversas pistas contextuais, apoiando-se nas inferências realizadas pelo enunciador em atitude de engajamento cooperativo com o produtor do texto. De acordo com isso, nossa visão sobre a recategorização encontra fundamento em Cavalcante *et al.* (2014, p. 156):

A recategorização é um contínuo processo cognitivo-discursivo de transformação de referentes ao longo de um texto. As modificações por que passa o objeto referido se revelam em variados índices contextuais. A transformação não se dá pontualmente, mas vai acontecendo à medida que as inúmeras pistas dadas por expressões referenciais, ou não, ajudam o leitor a compor novos sentidos e novas referências.

Portanto, como nos diz Cavalcante (2011), a mudança dos objetos de discurso se dá abstratamente, na mente dos interlocutores, podendo ou não se realizar no cotexto por meio de expressões classificadas como anafóricas. Para essa evolução, concorrem não somente as expressões referenciais que manifestam explicitamente tais transformações, mas também um conjunto de pistas contextuais que, acionando informações sócio-historicamente compartilhadas, ajudam os participantes da enunciação a (re)construírem a referência.

Assim é que, a partir de uma visão cognitivo-discursiva sobre a língua, tais construtos também podem assumir estratégias funcionais de ressignificação dos sentidos adaptáveis tanto aos propósitos dos gêneros textuais, quanto aos do enunciador, em conformidade com o que alega Roncarati (2010), baseada em estudos empíricos por ela realizados.

Em consequência disso, podem constituir-se os diferentes tipos de cadeias referenciais/anafóricas, organizando os diversos tipos de gêneros, como as piadas, nas quais uma expressão que explicita uma mudança no referente pode funcionar efetivamente como gatilho do humor, conforme veremos ao longo de nosso trabalho.

Então, defendemos que, dentre outros possíveis recursos estratégicos, as mudanças sobre o referente podem ser deflagradas em presença dos vários objetos componentes das cadeias de referência, as quais podem auxiliar na constituição das implicitudes requeridas no contexto narrativo da piada, conforme agora veremos.

### **A construção dos referentes nas piadas: as recategorizações como gatilho humorístico**

Embora pareça uma simples e lúdica decifração de sentidos, a piada envolve muito mais complexidade do que isso. Em se tratando do gênero humorístico por excelência, os tipos de negociações de sentidos realizados em prol dessa construção são ainda mais versáteis, visto

que há certos aspectos que compõem esse tipo genérico, dentre eles o traço marcante de sua brevidade, sendo narrado de modo a surpreender tipicamente o interlocutor, provocando riso ao final do texto.

Segundo Possenti (2008), a compreensão da piada gera-se por uma aparente transgressão das normas de coerência, que, no entanto, ganha equilíbrio quando, de repente, o *insight* do interlocutor descobre um outro *script* ou um outro modelo de compreensão do discurso. Em termos gerais, segundo o mesmo autor, essa suposta “incoerência”, como uma das condições para os desfechos surpreendentes, delimita a piada como um gênero peculiar de textos.

Nessa linha de pensamento, é fundamental remeter-nos à Teoria da Bissociação, de Koestler (1964, in Cursino-Guimarães, 2010), utilizada por certos autores para explicar a característica das piadas em geral. Segundo esse autor, o fator responsável por produzir efeitos cômicos é a súbita bissociação de uma ideia ou evento com duas matrizes geralmente incompatíveis entre si, contanto que a narrativa comporte, adequadamente, certa tensão emocional. Na medida em que esse primeiro “código” é violado, outro deverá surgir como um novo contexto que interage com o primeiro, excluindo-o. Baseando-se nesse autor, o trabalho de Cursino-Guimarães (2010) demonstra que a bissociação – responsável pela incongruência – pode ser considerada o mecanismo básico na criação do texto de humor, sendo acionada por um “gatilho”, que é representado pelo enunciado final do texto. Ainda segundo a autora, o leitor é, de certo modo, conduzido de duas formas para esse final: pela estrutura do texto (por meio de silogismos) e pela bissociação, que se traduz em um paradoxo. Essas formas coagem o leitor a aceitar a incongruência final, aumentando a relevância do gatilho e fazendo dele o ponto de maior relevância no texto da piada.

Nessa mesma direção, o estudo de Lima (2003) revelou que as recategorizações, particularmente as metafóricas, tendem a funcionar como mecanismo de humor na construção do “clímax”, que é, ao mesmo tempo, o fecho da piada, que desencadeia uma espécie de surpresa ou quebra de expectativa acerca de atributos, estados, aspectos ou ideias sobre as entidades criadas no início do texto. Portanto, a recategorização metafórica seria, conforme Lima (2003), um “gatilho” para a comicidade no gênero piada.

Tendo em vista essas considerações, formulamos a seguinte questão-problema: qual o papel do entrelaçamento, ou seja, da relação entre os referentes em cadeia, nas recategorizações como “ferramentas” do riso na piada? Como as recategorizações seriam sinalizadas pela cadeia de objetos, a qual ajudaria a ativar os *scripts* que culminariam nessa incongruência final? Nossa hipótese é a de que o entrelaçamento de objetos, assim queremos dizer, a relação existente entre os objetos discursivos, embora formando cadeias de extensão bastante curta nesse gênero, tem importante contribuição na recategorização, por nós

defendida como processo sociocognitivo-discursivo de transformação dos objetos. Corroborando essa questão, vejamos que, numa análise da continuidade dos referentes que ultrapassa o aspecto das remissões correferenciais a objetos de discurso centrais dos textos, Custódio Filho (2011, p. 193) afirma: “Ocorre que, em muitos casos, a construção de um referente central não depende, apenas, das expressões utilizadas para (re)categorizar tal referente; outras expressões, que designam outros referentes mais periféricos, também interferem na compreensão sobre um referente central”. O autor, assim, admite a influência das expressões referenciais constituintes dos textos no fenômeno da recategorização, supondo que possíveis estudos sobre as cadeias referenciais serão muito profícuos em torno dessa questão, desde que fundamentados e enriquecidos por um caminho epistemológico que considere a heterogeneidade de fatores complexos e multifacetados para a edificação do referente, tais como as circunstâncias, os contextos sociais, os elementos multimodais do texto, os propósitos comunicativos do locutor, a bagagem de conhecimentos dos indivíduos, dentre outros a acionarem os processos inferenciais que tornam possível a construção da referência. Por isso é que nossa proposta de mapeamento dos referentes, além de buscar a integração de variados fatores contextuais, encontra-se alinhada a traços dos gêneros, como é o caso da piada, em seu caráter de aparente transgressão dos sentidos.

Achamos que talvez a compreensão da articulação entre os objetos em cadeia contribua num plano menos “aparente” ou em menor evidência nesse processo, na medida em que prepararia um cenário ou pano de fundo inicial sobre o qual seriam reveladas mudanças significativas sobre o referente, abrindo espaço para a ativação de outro cenário superposto ao primeiro.

Porém, a compreensão desses cenários (*scripts*) de que falamos só se torna possível porque convocamos nossos *conhecimentos de mundo* ou *enciclopédicos*, como esquemas cognitivos compartilhados no meio social, a partir dos quais modelamos nossa experiência do mundo, formando nossos *contextos sociocognitivos* (Koch e Elias, 2006), ou *contextos socioculturais* (Dell’Isola, 2001) ou *modelos de contextos* (Van Dijk, 2012). Convém lembrar, de acordo com Carmelino e Tomazi (2010), que não é a referência em si que provoca o riso, mas é a sua conjugação com a situação enunciativa que deflagra ‘algo’ que faz com que aquilo que é dito ou acontece seja engraçado. Então, entende-se que deve existir uma sintonia ou um compartilhamento cognitivo e sociocultural entre os interagentes do texto.

Consoante o que buscamos evidenciar, as cadeias podem constituir um dos instrumentos para a efetivação dessa sintonia, uma vez que podem atuar como pistas textuais aptas a ativarem nossos contextos sociocognitivos, na emergência de dois *scripts*, para a construção dos sentidos deste gênero textual.

Vejamos o exemplo abaixo:

(1) Alguns aninhos

Tem aquela do garotinho que chega para a avó: - Ô vó, ô vó, que qui é amante? E a avó levanta apressada da cadeira de balanço e sai correndo pela casa gritando: - MEU DEUS, AMANTE, QUE HORROR, NOSSA SENHORA! Ela vai para seu quarto, abre a porta do armário e de lá cai um esqueleto (*Piadas, simplesmente as melhores*, ano I, nº 33, p. 14).

Os referentes que atuam no discurso acima são “alguns aninhos”, “o garotinho”, a avó”, o “amante”, a “cadeira de balanço”, “a casa”, “Deus”, “Nossa Senhora”, “horror”, “o quarto da avó”, a “porta do armário”, “um esqueleto”. Notamos que os possíveis disparos do humor são, simultaneamente, as figuras do “amante” e da “avó”. O ‘amante’ vira um “esqueleto”, o qual se infere ter sido o amante da avó no passado. O personagem do amante, portanto, leva a outra recategorização: a avó, de início, uma “senhora idosa e recatada”, bem ao modo das avós numa visão tradicional, e a “mulher infiel quando jovem”. Essa duplicidade causa, então, uma surpresa pela quebra de expectativa a seu respeito. Por conseguinte, temos aqui dois esquemas cognitivos contraditórios apoiando-se um no outro, numa relação de superposição.

“Alguns aninhos”, “a casa”, “o quarto da avó” e, especialmente, “a cadeira de balanço” são objetos de discurso que concorrem para a aspectualização do quadro clássico da avó como figura idosa e estereotipicamente recatada. Todavia, ao mesmo tempo, o “quarto” e “a porta do armário” também abrem brechas para um reconhecido cenário de infidelidade conjugal, o qual se descortina acerca da personagem somente ao final do texto. Podemos, assim, caracterizar tais referentes destacados como “anáforas indiretas”<sup>6</sup>, porque apresentam novos referentes no contexto narrativo, porém ao modo do “dado”, pelo fato de serem vinculadas inferencialmente ao contexto enunciativo, sendo, portanto, elementos conhecidos ou recuperáveis pelo leitor. Por conta disso, julgamos que as anáforas, especialmente as indiretas desempenham um papel importante nesse processo.

Ainda no esquema inicial, a pergunta feita pelo “garotinho” como neto da avó, funcionando como gancho para a recategorização, parece causar nela um terrível espanto, como se comprova pelas interjeições “Meu Deus, amante, que horror, Nossa Senhora”, por se tratar do ‘amante’ como um nome tabu, sinônimo de pessoas adúlteras, cujo comportamento costuma ser social e religiosamente abominado. As entidades “Meu Deus”, “horror”, “Nossa Senhora”, além de outros recursos

cotextuais, reforçam ainda mais a ideia de rígidos princípios morais da avó; porém, ela se dá conta, em sua velha memória, de que se esqueceu de seu amante no “armário” quando era jovem, o que refuta totalmente a “boa imagem” que se construiu sobre a avó. Essa leitura se confirma, dentre outros fatores, por causa de dois referentes: um que aparece como título “Alguns aninhos” - remetendo também à velhice e ao esquecimento da avó - e outro como “o esqueleto”, o qual se refere ao amante morto, esquecido no armário há tempos atrás. Ainda seria possível a leitura de “alguns aninhos” como metonímica em relação ao garoto.

Com isso, queremos dizer que há diversos objetos constantes no ato enunciativo que concorrem para a evolução do referente, sem dúvida, de maneira associada a elementos sociocognitivos compartilhados, porém, paralelamente incongruentes, desencadeando os efeitos de humor nas piadas.

### A implicitude/explicitude das recategorizações na relação com as cadeias referenciais

Acrescente-se ao traço da incongruência o alto teor de implicitude encontrado nesse tipo de gênero, o que se reflete nas formas de recategorizações, razão pela qual Lima (2009) postula que o processo de recategorização não necessariamente se homologa por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão recategorizadora na superfície textual, estando a sua (re)construção, em maior ou menor grau, sempre condicionada pela ativação de elementos inferidos do plano contextual, conforme se constata em estudo realizado sobre as recategorizações metafóricas em piadas. A autora ilustra, com a piada seguinte, esse pressuposto:

(2) “Um amigo conta pro outro:

–Minha sogra caiu do céu!

–Ela é maneira assim mesmo?

–Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa” (cf. Lima, 2003, p. 10).

Vemos, no exemplo da autora, que a recategorização do referente “sogra” como “bruxa” não se homologa explicitamente no cotexto, mas pode ser (re)construída pelas pistas co(n)textuais que evocam, principalmente, o conhecimento de mundo partilhado de que bruxas voam sobre vassouras. A recategorização de sogra como bruxa, nessa situação, engatilha o humor da piada, devendo-se levar em conta também a existência de um estereótipo de sogra como *persona non grata*, normalmente tratada de forma pejorativa.

<sup>6</sup> As anáforas são processos referenciais responsáveis pela continuidade dos referentes no texto. Elas podem ser do tipo direto (quando há retomada direta de um mesmo referente) e indireto (quando há a introdução de novos referentes os quais se associam ou a objetos já introduzidos previamente no texto, ou a elementos contextuais passíveis de ligação inferencial).

Perante isso, reafirmamos que as piadas são textos extremamente complexos e dinâmicos, pois precisam ser imediatamente compreendidos no momento da leitura, pelo tipo de prática social em que o texto da piada acontece. A referenciação das piadas requer muita implicitude e quebras de sentido inesperadas.

Desse modo, a recategorização é um fenômeno que pode ser engatilhado ou homologado por uma expressão referencial indicadora do fenômeno, mas nem sempre essa indicação explícita acontece. Mesmo quando uma expressão referencial não engatilha nem confirma a recategorização, outros indícios contextuais são encontrados no texto. Logo, interpretamos que é a superfície do texto, aliada a fatores sociais, culturais e cognitivos, que oferece todas as condições imprescindíveis para a ocorrência da recategorização, mesmo que essa possa não ser homologada materialmente no cotexto. À proporção que os contextos sociocognitivos vão sendo ativados pelos indivíduos, menos explicitação dos recursos lexicais poderá ocorrer na superfície textual. Em convergência com esse sentido, supomos que a cadeia referencial, como um dos elementos de organização do texto, seja uma destas pistas contextuais na piada, cujo acesso é dado para a inferência acerca da transformação, explicitada ou não, do objeto de discurso.

Sobre a discussão em torno de elementos de explicitude e implicitude, veja-se o exemplo abaixo, extraído da dissertação de Lima (2003):

(3) “E tem aquela do sujeito que chega em casa e encontra a filha agarradinha com o namorado. Aliás, bem agarradinha. O pai então dá o maior estrilo:  
- Que pouca vergonha é essa?!  
E o rapaz, todo sem jeito:  
- Bem, o senhor sabe, eu estou apenas mostrando a minha afeição para a sua filha.  
E o pai da moça:  
- É! Tô vendo que sua *afeição* é grande! Mas bota ela pra dentro da calça!...” (Cf. Lima, 2003, p. 205).

Seguindo o mesmo raciocínio sociocognitivo-discursivo, Leite (2007) afirma, sobre o exemplo acima, que a recategorização acima não se dá exclusivamente por meios explícitos, pois o termo “afeição” é uma modulação metafórica de “pênis”, órgão sexual masculino, termo transformado, mas que não se encontra manifestado explicitamente, sendo a causa de comicidade da narração. Mas, por outro lado, o autor enfatiza que há outras pistas cotextuais igualmente relevantes para o processamento evolutivo do referente, tais como as expressões “é grande”, “bota ela pra dentro da calça”, as quais, inegavelmente, estão ligadas a “pênis”.

Assim sendo, o reconhecimento das pistas cotextuais foi bastante destacado por Leite (2007), quando, ao tratar de recategorizações metafóricas, questionou até que ponto elas seriam implícitas, já que haveria várias pistas

dispersas pelo cotexto, cuja contribuição à evolução dos objetos se evidencia. Leite (2007), ao analisar o mesmo exemplo acima, põe em discussão se as expressões recategorizadoras em si mesmas são as únicas responsáveis pelo processo evolutivo.

Embora o escopo de nosso trabalho não se restrinja à recategorização do tipo metafórico, cremos que as ponderações em Leite (2007) vão ao encontro de nossa argumentação de que a recategorização em geral não deve ser vista como um fato isolado, solitário dentro do texto. Ao contrário, para se efetivar, ela precisa de outros elementos linguísticos e extralinguísticos que auxiliem nesse processo. Entendemos que se, por um lado, a implicitude da recategorização se dá num nível formal, em contrapartida, vemos que outro tipo de explicitação lexical “compensa” tal implicitude tanto através de outros termos da progressão referencial, quanto pela junção desses termos a porções do cotexto ou a outros termos dados como não referenciais, mas que podem ajudar a construir a referência, como expressões adjetivais, verbos ou outros - elementos esses comentados em Leite (2007), quanto ao exemplo (3). Porém, lembramos que observar as cadeias na progressão referencial seria mais do que simplesmente analisar porções ou termos “dispersos” pelo cotexto, pois, conforme sugere Cavalcante (2011), as cadeias ou elos são o resultado de todo um entrelaçamento de sentidos explícitos e implícitos.

Com isso, julgamos ser o balanceamento explicitude/implicitude algo fundamental em todo tipo de texto, pois nem tudo deve ser “totalmente expresso”; todavia tudo deve ser “interpretável” ou “inferível, devendo, pois, reunir condições de acesso à interpretação. Assim conceitua Marcuschi (2007, p. 40), “explicitar é oferecer uma formulação discursiva de tal modo que contenha em si as condições de interpretabilidade adequada ou pretendida”. A partir disso, o que pretendemos observar em nossa análise sugerida, neste trabalho, é o provável papel exercido pela cadeia referencial - aqui compreendida como um construto que envolve ligações explícitas e implícitas entre os referentes - nessa interpretabilidade, combinada a vários fatores sociocognitivos, o que não corresponde, dessa forma, à noção de cadeia numa perspectiva simplista de coesão lexical, quer dizer, com implicações apenas formais do fenômeno (sobre a noção coesiva, ver Halliday e Hasan, 1976, 1985; Corblin, 1995).

Em razão disso, uma pesquisa mais aprofundada sobre a relação entre um referente e os demais componentes entrelaçados em uma cadeia talvez possa trazer maiores esclarecimentos sobre a recategorização. A fim de complementar nosso pensamento, reportemo-nos a Neves (2007, p. 192):

Ressalte-se ainda que o estudo das CRs [cadeias referenciais], a partir de um quadro categorial de mecanismos de referenciação, constitui um recurso produtivo para explicar a correlação entre a evolução do objeto de discurso, os mecanismos de sua primeira menção e de progressão referencial, e as estruturas cognitivas

culturalmente compartilhadas disponíveis na memória discursiva ou inferíveis a partir de marcas textuais que permitem o preenchimento de lacunas de sentido.

No entanto, convém dizermos que atrelar o fenômeno da recategorização à pura menção de elos referenciais não é nosso propósito. Nosso objetivo aqui é apenas refletir sobre a participação desses na recategorização, juntamente com outros fatores contextuais.

Em outras palavras, para os fins de alcance deste trabalho, havemos de ter em mente que a noção sociocognitivo-discursiva de recategorização, tal como a apresentamos, não se esgota na homologação anafórica de atributos sobre o objeto, nem em expressões engatilhadoras, mas se faz também por outros meios lexicais expressos no texto, mesmo quando estejam implicando algo, o que implica afirmar que não apenas as cadeias referenciais se constituem como fontes dessa construção. Um exemplo que ajuda a comprovar isso é o seguinte, no qual se percebe que termos referenciais atuam junto com outro recurso do plano cotextual como gatilho da recategorização humorística, ainda que essa não seja causada ou homologada por mecanismos anafóricos:

#### (4) TOMATE

Um tomate foi atravessar a rua com outro tomate e gritou:

- Cuidado com o carro... (sssssblush!)
- Que carro?... (ssssssssssblush!)

(*Revista Piadas para crianças*, p. 7).

O texto acima é elaborado de modo a explorar um esquema textual fictício, que envolve a personificação de entidades não humanas. Atribuem-se traços de pessoas a “tomates”, na medida em que se negocia com o leitor que os tomates são seres que falam e caminham, inclusive, que andam nas ruas. A partir dessa negociação de sentidos, entende-se, nas entrelinhas, que “dois tomates” foram “esmagados” por um “carro” no momento de atravessar a “rua”. Mas, ao contrário de (3), essa compreensão é explicitamente confirmada pela mediação de expressões de natureza onomatopaica “sssssblush!” e “ssssssssssblush!”, que são, ao mesmo tempo, o disparo do humor, - remetendo a uma nova situação - na imitação do barulho do esmagamento dos tomates. Ambas não constituem expressões referenciais, entretanto elas são fundamentais para provocar a mudança sobre tais referentes: “um tomate grita ao atravessar a rua, após isso é esmagado; também o outro tomate quando atravessa a rua, faz uma pergunta, e logo após, também é esmagado”. Essa interpretação se torna plausível pelo recurso imitativo, que corrobora com a ideia de que essa mudança referencial é, sobretudo, sociocognitiva e que não se opera somente com o uso de expressões nominais que tenham homologado a ideia do acidente dos tomates.

Procederemos, agora, à análise de algumas piadas, a fim de verificar o papel exercido pela cadeia referencial nestas recategorizações.

### O entrelaçamento de referentes nas recategorizações em piadas: algumas análises

Passaremos agora à nossa proposta analítica, cujo viés é o da Linguística Textual, de como as cadeias de referentes podem auxiliar na construção das recategorizações como estopim do humor, no gênero piada. Vejamos o exemplo abaixo:

#### (5) Doação para o velhinho

No parque, Joãozinho pede dinheiro à sua mãe porque queria entregá-lo a um velhinho. A mãe fica toda sensibilizada, dá o dinheiro, mas pergunta ao filho: -Para qual velhinho você vai dar o dinheiro, meu anjo? -Para aquele ali que está gritando: “Olha a pipoca quentinha! Olha a pipoca quentinha!” (*Revista Piadas para crianças*, p. 3).

Feita a leitura integral do texto, apontamos dois referentes recategorizados simultaneamente, ao final dessa piada, sendo ambos os motivos de comicidade do texto: uma “doação” a ser feita para um velhinho, a qual é redimensionada pelo leitor, no fim, como uma “compra”; ao mesmo tempo em que a identidade inicial de “o velhinho” como “alguém totalmente desprovido de dinheiro” é revista dentro de um novo esquema cognitivo, pois, na realidade, seria um “vendedor de pipoca”. Entretanto, essas reformulações não são mencionadas pontualmente no texto: ambas são passíveis de ser inferidas segundo certos conhecimentos compartilhados, os quais são ativados, dentre outros meios, mediante as referências construídas na cadeia referencial. A seguir, enumeramos a teia de referentes que se entrelaçam nessa composição. São eles: “o parque, a doação, o velhinho, Joãozinho, dinheiro, a sua mãe, a pipoca”, cada um compondo o cenário em que se desenrola a piada.

Todavia, não se pode chegar à conclusão de que houve qualquer transformação dos objetos “doação” e “velhinho” sem que se perceba a existência de outros elementos agregados à história, cuja coesão só se confirma por causa de nosso *background* sobre os cenários, situações ou atitudes vivenciadas em nossa cultura. Nesse caso, note-se que os referentes, inclusive as anáforas indiretas, que compõem tal cenário não servem apenas para um “pano de fundo” da piada: eles são um dos pontos fundamentais que nos auxiliam a fabricar os sentidos recategorizadores. Em razão disso, buscamos definir as relações de sentidos entre os referentes, os quais, ao que tudo indica, funcionam como parte estratégica desse contexto sociocognitivo, tais como:

- “o **parque**”, a partir do qual acionamos nosso *frame* de lugar de lazer, onde passeiam as famílias,

onde se vendem lanches para crianças etc., enfim o que justifica o agrupamento de outros elementos da rede referencial do (co)texto;

- “o **dinheiro**” como objeto da “doação”, o que nos faz pensar no “velhinho” como um pedinte, ou pessoa pobre, carente, já que “a mãe de Joãozinho” fica “toda sensibilizada” com a iniciativa do garoto de pedir dinheiro para “entregá-lo a um velhinho”;
- a “**pipoca**”, como alvo de desejo do menino e objeto de venda do “velhinho”, elemento também crucial para a recategorização implícita deste;
- “**Joãozinho**”, um agente baseado num duplo estereótipo social: o da “criança”, na medida em que tem como característica a inocência; ao mesmo tempo, o nome próprio “Joãozinho” representa um uso já bastante difundido neste tipo de gênero, de modo associado à esperteza da criança, ou a meninos bastante levados, que põem os adultos em situações constrangedoras e/ou engraçadas;
- “a **mãe**”, figura condutora da criança e a contraparte de sua inocência, funcionando, nesse contexto, como ‘gancho’ para o humor, na medida em que sua pergunta ao filho (“Para qual velhinho você vai dar o dinheiro, meu anjo?”) prepara a resposta desencadeadora do riso (“Para aquele que está gritando: olha a pipoca quentinha!”).

De fato, todos eles aparecem combinados na história, pois se auxiliam entre si, culminando na recategorização humorística, uma vez que, *sem tal combinação, a recategorização não seria efetivada*. Dito isso, destacamos a possibilidade do estudo das cadeias ser aplicado à evolução dos objetos, aliando-se à noção de modelos sociocognitivos ativados, no processamento dos sentidos nas piadas, como no exemplo seguinte:

(6) Altas horas

O jovem e bem-sucedido empresário está se divertindo altas horas da noite numa boate da moda, quando dá de cara com seu psiquiatra.

- Ora, ora, você de novo! O senhor sempre vai ao meu consultório pedindo comprimidos para dormir e esta já é a terceira vez que o encontro nesta boate.

O jovem se inclina no ouvido do psiquiatra:

- Doutor, os comprimidos são para minha mulher! (Piadas inesquecíveis – médicos, nº 2, p. 20-21).

O referente sobre o qual recai a recategorização é o ‘jovem’ descrito como um ‘bem-sucedido empresário’, cujo ‘psiquiatra’ o encontra no cenário de ‘uma boate da moda’, em ‘altas horas da noite’, divertindo-se. Até aqui, a piada nos sugere um modelo de mundo bastante compatível com a situação de um ‘jovem solteiro e descomprometido, que gosta de curtir a vida’. Não obstante,

o questionamento do médico a respeito de sua suposta insônia, devido aos comprimidos que costuma receitar-lhe para dormir, é a abertura para o gatilho do humor acionado pela resposta do rapaz, que reenquadra a si em uma nova situação e identidade: “Doutor, os comprimidos são para minha mulher!”.

Em consonância com a Teoria da Bissociação, a emergência de um novo *script* para “o jovem e bem-sucedido empresário” no surpreendente contexto recategorizado de um “esposo traidor” é fatalmente revelada pelo novo referente “minha mulher”, mencionado estrategicamente, ao fim. Em meio a tal emaranhado de sentidos, a esposa seria enganada pelo “marido”, pois se infere que, ao tomar os “comprimidos” receitados pelo “médico”, a mulher sempre dormiria à “noite” e não veria quando o marido saísse sozinho, para se divertir nas “festas da boate”.

Nesse ponto, é interessante frisar a importância não só dos referentes que surgem na tessitura textual, mas também de suas relações entre si, assim como o modo pelo qual eles vão sendo caracterizados no discurso. Note-se que a matiz de sentido causada pelo atributo “jovem” a “bem-sucedido empresário” não surtiria o mesmo efeito nos propósitos discursivos, se apenas fosse “o bem-sucedido empresário”. Acrescente-se a isso, por exemplo, a junção de o “jovem” à “boate da moda” e a “altas horas da noite”.

Assim, se analisarmos os demais referentes da piada em relação à entidade recategorizada, perceberemos que eles não se manifestam casualmente, mas, ao que tudo indica, aparecem de forma estratégica. Por isso, enumeremos:

- **uma boate da moda** - Lugar de música, bebida e diversão, para onde vão os jovens de classe média e alta; sendo, inclusive, um ambiente propício para se namorar, o que nos faz deduzir que pessoas solteiras sejam seus maiores frequentadores;
- **Altas horas da noite** - Aqui esse termo não aparece como um simples horário; sobretudo, combina-se ao contexto da boate, evocando a situação festiva da noite em que se encontra o jovem;
- **Seu psiquiatra**- Personagem que se associa, estrategicamente, aos comprimidos tomados pela mulher, enganada pelo marido. A nosso ver, assume o importante papel de condicionar indiretamente a recategorização, preparando o gatilho da comicidade da história, ao encontrar o homem na boate;
- **comprimidos para dormir** - Representam o instrumento utilizado pelo marido para enganar a mulher, o que confirma sua infidelidade.
- **o consultório**- Através de nossa experiência sociocultural, sabemos que o consultório é o local de trabalho dos médicos, onde se prescrevem remédios contra as doenças dos pacientes. A “insônia” é, possivelmente, um referente im-



plícito nessa anedota, como suposto motivo de doença alegada pelo empresário, no consultório do psiquiatra;

- **a terceira vez do encontro** (entre os dois personagens) - Indica não haver mera casualidade nesse encontro, repassando-se a ideia de certa assiduidade na frequência do empresário à boate.
- **o ouvido do psiquiatra** - Nesse contexto, falar ao “ouvido” significa uma conversa discreta, em tom de revelação, que foi a confissão do empresário ao seu médico.
- **a mulher do empresário** - Surge, subitamente, ao final, na frase de efeito como estopim para o riso “Doutor, os comprimidos são para minha mulher!”, sendo ela, a nosso ver, o termo mais crucial na deflagração do fenômeno recategorizador - o que não dispensa, de nenhum modo, o acompanhamento dos outros objetos enunciativos no processo.

Ao final dessa análise, temos, mais uma vez, o indício de que as recategorizações sejam fenômenos “gestados” durante a condução da própria cadeia de objetos constantes na enunciação, sendo, por isso, a cadeia um dos mecanismos viabilizadores deste fato.

### Considerações finais

Em vista do que discutimos, a recategorização é um processo, e para isso cooperam vários fatores de ordem linguística e extralinguística, tais como os referentes emaranhados em cadeias, os quais não se entrelaçam casualmente, mas parecem constituir mecanismos de grande relevância, em coatuação com os conhecimentos de mundo dos indivíduos, pondo em ação esquemas e *scripts* cognitivos de variados tipos, para dar sentido à organização da piada e para garantir o êxito interpretativo do humor como propósito discursivo do gênero. Por tal motivo, achamos que um estudo exploratório das cadeias referenciais numa abordagem sociocognitivo-discursiva, o que precisa ser rediscutido entre os estudiosos do texto, será capaz de fornecer novas e amplas elucidaciones de como acontecem vários processos textuais, dentre eles o da recategorização, desde que adaptados à modelagem dos gêneros em que atuam.

Reforçamos, assim, a suposição de que a recategorização não é um fato isolado no texto; ao contrário, esta seria plenamente integrada a outros elementos constituintes do contexto, colaborando para a construção dos sentidos que irão convergir para nossas práticas intersubjetivas.

### Referências

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. 1995. Construcción de la référence et strategies de designation. In: A. BERRENDON-

NER; M.-J. REICHLER-BÉGUELIN (eds.), *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtsh, Université de Neuchâtsh, p. 227-271.

- BLIKSTEIN, I. 2003. *KasparHauser ou a fabricação da realidade*. 9ª ed., São Paulo, Cultrix, 100 p.
- BRITO, M.A.P. 2010. *Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência*. Fortaleza, CE. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 212 p.
- CARMELINO, A.C.; TOMAZI, M.M. 2010. Referenciação, argumentação e humor. In: J. PERNAMBUCO et al. (eds.), *Nas trilhas do texto*. São Paulo, Universidade de Franca, p. 107-136.
- CAVALCANTE, M. 2003. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. *Caderno de estudos linguísticos*, 44:105-118.
- CAVALCANTE, M. 2011. *Referenciação – sobre coisas ditas e não-ditas*. Fortaleza, Edições UFC, 192 p.
- CAVALCANTE, M. 2012. *Os sentidos do texto*. São Paulo, Contexto, 173 p.
- CAVALCANTE, M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M.A.P. 2014. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo, Cortez, 170 p.
- CORBLIN, F. 1995. *Les formes de reprise dans le discours – anaphores et chaînes de référence*. Rennes, Presses de l'Université de Rennes, 271 p.
- CURSINO-GUIMARÃES, S. 2010. A relevância do gatilho na busca da compreensão nas piadas. *Anais do IX Encontro do CELSUL*, 1:1-13.
- CUSTÓDIO FILHO, V. 2011. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. Fortaleza, CE. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 270 p.
- DELL'ISOLA, R.L. 2001. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte, Formato Editorial, 247 p.
- HALLIDAY, M.; HASAN, R. 1976. *Cohesion in English*. London, Longman, 148 p.
- HALLIDAY, M.; HASAN, R. 1985. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Austrália, Deakin University, 126 p.
- KOCH, I. 2002. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo, Cortez, 168 p.
- KOCH, I. 2004. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo, Martins Fontes, 206 p.
- KOCH, I.; CUNHA-LIMA, M.L. 2005. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: F. MUSSALIM; A.C. BENTES (eds.), *Introdução à Linguística*. v. 3: *fundamentos epistemológicos*. 2ª ed., São Paulo, Cortez, p. 251-300.
- KOCH, I.G.V.; ELIAS, V.M. 2006. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo, Contexto, 216 p.
- KOCH, I.; MARCUSCHI, L.A. 1998. Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA*, 14(n.esp.):169-190.
- LEITE, R. 2007. Da recategorização metafórica à metaforização textual. In: M.M. CAVALCANTE et al. (eds.), *Texto e discurso sob múltiplos olhares*. Rio de Janeiro, Lucerna, vol. 2, p. 104-122.
- LIMA, S. 2003. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos*. Fortaleza, CE. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, 170 p.
- LIMA, S. 2009. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização*. Fortaleza, CE. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 205 p.
- MARCUSCHI, L.A. 2007. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro, Lucerna, 176 p.
- MATOS, J.G. 2005. *As funções discursivas das recategorizações*. Fortaleza, CE. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, 164 p.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. 2003. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: M.M. CAVALCANTE; B. BIASI-RODRIGUES; A. CIULLA e SILVA (eds.), *Referenciação*. São Paulo, Contexto, p. 17-52.
- NEVES, S.R. 2007. *Cadeias referenciais: o objeto-de-discurso e sua evolução na progressão textual*. Niterói, RJ. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 206 p.
- PIADAS, SIMPLEMENTE AS MELHORES. Editora Minuano, ano I, nº 33.

POSSENTI, S. 2008. Ethos e corporalidade em textos de humor. In: A.R. MOTTA; L. SALGADO, *Ethos discursivo*. São Paulo, Contexto, p. 149-156.

REVISTA PIADAS PARA CRIANÇAS. Estúdio Gama, Case Editorial.

RONCARATI, C. 2010. *Cadeias do texto: construindo sentidos*. São Paulo, Parábola, 216 p.

TAVARES, D. 2003. *Processos de recategorização – uma proposta classificatória*. Fortaleza, CE. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, 139 p.

VAN DIJK, T.A. 2012. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo, Contexto, 330 p.

*Submetido: 31/08/2015*  
*Aceito: 06/12/2016*